

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

EROS PARA ALÉM DA CIVILIZAÇÃO: PENSANDO O COLETIVO NA PSICANÁLISE

Thais Klein

Minhas colocações têm como objetivo, a partir da experiência psicanalítica com mulheres expostas à violência, trazer alguns questionamentos para a ideia de coletivo na psicanálise. Os atendimentos acontecem no âmbito do projeto de estágio e extensão da Universidade Federal Fluminense, campus de Rio das Ostras, que está sob o guarda-chuva de um grupo de pesquisa mais amplo, o Núcleo de Estudos Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (NEPECC), parceria entre o Instituto de Psiquiatria da UFRJ e a Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Os vínculos abarcam duas instituições da rede de assistência social do município, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e o Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM) e comportam ações nos próprios dispositivos com as equipes multidisciplinares, ações pontuais no território, grupos continuados e atendimentos individuais no Serviço de Psicologia Aplicada da UFF.

O aspecto coletivo torna-se, no cuidado de mulheres expostas à violência, não apenas um ponto de partida para a clínica psicanalítica, mas parte de seu próprio curso. Trata-se de uma clínica compartilhada na qual a dimensão transferencial ultrapassa o analista e o analisando e se estende para a equipe e outros atores incluindo o próprio território. O caso clínico, nesse contexto, não está referido apenas a um analista: a própria experiência analítica é coletiva. Mas, o que seria o coletivo nesse contexto? Por que a sua importância nessa clínica? Em que sentido a importância do coletivo engendra de questionamentos para a própria experiência analítica?

Minha hipótese é que em situações de violência, o desmantelamento dos contornos de si provoca a impossibilidade de experienciar a continuidade de ser no tempo, para usar uma expressão de Winnicott, e exige que a clínica psicanalítica inclua aspectos relacionados ao território, à equipe de profissionais e à rede de saúde e atenção psicossocial, deixando entrever considerações importantes para a dimensão coletiva da clínica psicanalítica – passemos a voz para essas mulheres.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Virgínia, aconselhada pelos próprios funcionários da rede de atenção psicossocial de uma cidade da baixada fluminense, chegou até Rio das Ostras em uma fuga. Levando consigo duas filhas, de 7 e 4 anos, Virgínia sai às pressas de sua cidade natal após o descumprimento de uma medida protetiva que ela havia solicitado contra seu ex-marido e agressor. Figura influente do meio político, o homem, além de agredi-la, abusava sexualmente de suas duas filhas. Estes fatos foram explicitados de forma protocolar nos primeiros atendimentos – Virgínia ainda estava fugindo com duas crianças

Não sem dificuldades, na primeira sessão, as estagiárias foram convidadas a acompanhar a angústia e o desamparo da fuga ainda em curso – de cidade em cidade, a história, repetida inúmeras vezes para diferentes profissionais de instituições que não puderam acolhê-la, é narrada sem afeto e esperança. O silêncio, as pausas e o vazio permeiam a sala de atendimento do Serviço de Psicologia Aplicada. A precariedade do acolhimento, sobretudo na cidade em que o agressor exerce poder sobre as instituições, torna a rede de profissionais aliados à própria fuga: contar a sua história é repeti-la incessantemente para ninguém, é revivê-la em cada detalhe.

A fuga ainda está em curso: após a segunda entrevista, Virgínia não comparece no horário marcado e não responde às tentativas de contato. Não foi sem surpresa que alguns meses depois, recebemos uma mensagem de Virgínia durante a madrugada perguntando se poderia voltar na semana seguinte. Em meio a fuga incessante, a possibilidade de construção de um espaço-tempo para dar contorno para as situações de violência começa a ser esboçada. O retorno é muito diferente: Virgínia parece encontrar nas sessões um esteio e deixar aparecer o sentimento de intrusão, de perseguição e angústia. Após experimentar uma forte crise de ansiedade em sua própria casa, na qual ainda não pode se sentir segura, Virgínia aos poucos nos permite a acompanhá-la no caminho.

O episódio de ansiedade narrado acontece justamente após a proprietária do imóvel onde residia anunciar o encerramento do contrato de aluguel e cobrar sua saída antes do prazo. Às pressas, ela e suas duas filhas se mudam para uma casa, nas suas palavras, “com os muros baixos demais”, “exposta por todos os lados”. Virgínia descreve o cheiro das baratas que passeiam pela casa e imagina andar sob suas filhas no meio da noite. Impossibilitada de sonhar, nos pesadelos, as baratas entram pela boca de todas e, à noite, Virgínia permanece desperta em batalha contra os seres intrusos que vem de todos os cantos.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Contrastando com o silêncio de Virgínia, as primeiras sessões de Clarice transbordavam: o espaço era preenchido pela enxurrada de episódios guardados por toda a vida. Foi necessário o dobro do tempo previsto. A narrativa, no entanto, era permeada por uma estranha uniformidade e apatia: Clarice mantinha pouco contato visual, realizava movimentos repetitivos com os dedos e seu corpo encolhia-se em um lado do sofá com a bolsa retida sob o colo – “só queria um colo de mãe”.

O medo da morte de seu atual marido foi o ponto de partida para o relato de outras mortes, sobretudo a de sua segunda filha, assassinada pela agressão do companheiro anterior que provocou seu nascimento prematuro. Vale ressaltar que a sua primeira filha, após o diagnóstico recebido por Clarice de depressão pós-parto, foi retirada de seus cuidados e convívio. Sem expressão afetiva no rosto, Clarice conta que escondia as marcas da violência física com maquiagem e chegava a se urinar de medo das agressões. Foi, no entanto, somente alguns anos após os episódios de violência cessarem, que Clarice começou a experimentar outras formas de sofrimento que a levaram até a SPA da UFF.

A saída do município periférico da região metropolitana do Rio de Janeiro para Rio das Ostras, diferente de Virgínia, não foi uma fuga. Com seu novo companheiro, em quem confia e se sente cuidada, a mudança aconteceu em busca de melhores condições de vida. Após algum tempo na cidade, já estabelecida em uma região periférica, Clarice procura o CEAM relatando ouvir vozes que se manifestavam de forma imperativa e intrusiva, proferindo palavras de ordem sobre suicídio e assassinato do marido e da enteada, grávida de 7 meses. As vozes são acompanhadas de extremo sofrimento já que contrastam com a certeza de não ser uma pessoa violenta – algo de continuidade em Clarice se mantém apesar da sensação de estranhamento devastadora. Por outro lado, o distanciamento da experiência de si também se estende ao próprio sofrimento: “não era para isso tudo estar acontecendo logo agora que está tudo bem”.

Qualquer saída para fora de seu quarto, onde se sente segura agachada em um canto, torna-se perigosa e exige companhia. Quando se desloca pelo resto da casa, Clarice lava roupas recém lavadas, faz faxina inúmeras vezes ao dia utilizando produtos químicos extremamente fortes que a deixam “sem ar”. No jardim, deixa as plantas secarem até quase morrerem para então retomar o cuidado.

Por questões institucionais, as primeiras quatro entrevistas na SPA são realizadas por duplas de estagiárias – as usuárias são avisadas desde o princípio que, após este período, os atendimentos continuarão com apenas uma analista. O

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

protocolo institucional frequentemente causa ruídos e, com Clarice, não foi diferente: nos deparamos com uma questão que convocou e exigiu uma reorganização de todas as profissionais envolvidas no caso. A iminência da saída de uma das estagiárias foi experimentada de diferentes formas, tanto por Clarice quanto pela equipe, como uma morte em latência, uma retirada de um pequeno espaço que estava começando a ser conquistado para além do canto das paredes de seu quarto. “Por que não posso ficar com as duas?”, Clarice perguntava em meio ao choro. As estagiárias, por sua vez, recorriam à equipe temendo os efeitos da nova configuração, desejando não se separar, para preservar Clarice de mais uma perda.

A triangulação, no entanto, não comportava apenas Clarice e as duas estagiárias, toda a equipe foi mobilizada, bem como as profissionais do CEAM, permitindo que a iminência da perda se tornasse a potencialidade de um espaço sustentado por muitas. A quantidade de atendimentos semanais foi dobrada na aposta do estabelecimento de um ritmo que pudesse marcar a continuidade e a diferença. Com o encaminhamento para o Centro de atendimento Psicossocial de Rio das Ostras, a articulação entre as três instituições consolidou a possibilidade de criação de um rudimento de espaço de confiança para a própria experiência analítica. A produção de uma diferença, após a saída de uma estagiária vivenciada como uma perda, produziu também a continuidade ancorada na dimensão coletiva: tratou-se de um rearranjo e não de uma morte.

Clarice e a equipe sobrevivem à saída de uma das estagiárias – a morte habita o espaço-tempo em outras dimensões. Por vezes, Clarice é agressora, por outras, Clarice é vítima; Clarice pode começar a ser. Em seus sonhos, ensaia matar o companheiro, a enteada, a mãe, e, por fim, a própria analista – sobrevivemos. As vozes que a invadem ganham um nome, parte de seu próprio, e aos poucos permitem o esboço de um diálogo entre Clarice, sua analista e as outras profissionais da rede. O estranhamento esboça novos contornos e outros tempos – não reconhece sua imagem nas fotos antigas, mas se lembra de que, enquanto mulher negra, as situações de violência não começaram com seu ex companheiro. A posição quase fetal do canto da parede de seu quarto é transposta para o espaço de atendimento da SPA: com voz de menina, narra uma violência racial sofrida por sua mãe – Clarice é uma criança que assiste, experimenta e perpetua a violência transmitida entre gerações. “Shiuuu, sou pequenininha, ninguém me ajuda, eu caio muito e faz dodói, ninguém pode me ajudar, a moça bateu na minha mamãe”.

A clínica psicanalítica, neste contexto, exige que a dimensão da coletividade,

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

da saúde pública, das instituições de saúde, seja um de seus alicerces – sem a presença no próprio território, a atuação das profissionais da rede pública e a equipe da SPA, talvez permanecêssemos, como no caso de Virgínia, em uma eterna fuga sem poder criar um espaço-tempo para de fato experimentar e acolher seus efeitos. O coletivo viabiliza, para parafrasear Winnicott (1978), construir a possibilidade de experimentar a destruição sem desesperança. “Esperança”, justamente o nome dado por Clarice a uma planta que pediu de presente para sua analista e guardou sob seus cuidados.

Ora, nesse contexto, gostaria de deixar indicadas algumas ideias para discutirmos. Me parece que a experiência analítica com pessoas afetadas pela violência revela uma dimensão do coletivo que se desloca das considerações freudianas sobre o social ancoradas sobretudo na sua clínica com sujeitos neuróticos. A dimensão alteritária, nesse contexto, não se restringe à função regulatória das pulsões – aqui Eros, para lembrar do tema desse congresso, tem sua função civilizatória posta em cheque. Se o social, pensando em *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2012), faz frente a uma organização ‘primitiva’, de base animista, para instaurar um pacto civilizatório ancorado na culpa cuja centralidade está no indivíduo, o coletivo só pode ser pensado em termos de uma massa que nas palavras de Freud (1921/2020), em *Psicologia das massas e análise do eu*, “se comporta como uma criança malcriada ou como um selvagem passional” (p.157). Ora, a separação entre selvagem (ou primitivo) e civilização é fruto do pensamento moderno branco e europeu que tem como norma a cultura centrada em um indivíduo civilizado. Essa perspectiva, por sua vez, é aliada à violência colonial e desvela uma outra face de Eros quando pensado em sua vertente civilizatória. A partir das experiências analíticas apresentadas talvez seja possível pensar a dimensão do coletivo como formas de organização social que não se ancoram no pacto civilizatório moderno, sustentado pelo mecanismo do recalque e na culpa, mas que possam conceber a potência daquilo que por Freud foi chamado de primitivo, ou seja, que não se sustenta na formação do pacto civilizatório moderno branco e europeu. A experiência psicanalítica com pessoas afetadas pela violência, sobretudo violência de gênero, mostra que o próprio pacto civilizatório é produtor de violência e que a possibilidade de experimentar a dimensão coletiva da clínica psicanalítica engendra a outras formas de laços com o outro que não passam pela culpa ou pela ameaça de desintegração de si mesmo. Trata-se, na direção contrária do indivíduo moderno, de experimentar a possibilidade de se sentir não integrado, de experimentar a porosidade das fronteiras

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

com os outros sem ameaça de aniquilamento. Ora, quais implicações dessa discussão para a ideia de coletivo em sua radicalidade na clínica psicanalítica? Minha hipótese, que quero deixar pra a discussão, é que essa problemática coloca em xeque o modelo de clínica e certas construções metapsicológicas concebidas pelo paradigma neurótico e centralizadas entre um analista e um analisando.

Entre Clarice, Virgínia e as equipes, somos muitas vozes – vozes que juntas dão contorno àquelas mesmas escutadas por Clarice. Para não calar essas vozes, é preciso de muitos: instituições, territórios, profissionais – a experiência analítica é coletiva, é saúde pública. Ainda assim, os perigos da perpetuação da fuga e do silenciamento rondam todos aqueles que são tocados por situações de violência. Em uma conversa com o psiquiatra do Caps, Clarice se queixa dos efeitos da medicação – tem dormido demais. “Melhor dormir do que ouvir vozes”, é o que escuta. Ora, a constante transformação da experiência analítica com mulheres atravessadas por situações de violência nos ensina que é melhor ouvir essas vozes do que morrer dormindo.

Referências bibliográficas

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: FREUD, S. *Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras completas, 11).

FREUD, S. (1921) Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. *Cultura, sociedade, religião. O mal-estar na cultura e outros escritos*. São Paulo: Editora Autêntica, 2020.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.